

A automedicação entre os profissionais de enfermagem: uma revisão de literatura

Isabella Rissato Gestinari, Enfermagem, Integrado, Brasil
gestinariisa@gmail.com

Jhenyffer Iara Barros de Oliveira, Enfermagem, Integrado, Brasil
Jhenyffer.oliveira@grupointegrado.br

Roney Alan Nogueira, Enfermagem, Integrado, Brasil,
saude1@grupointegrado.br

Resumo: A automedicação entre os profissionais da saúde é um grande problema principalmente entre os profissionais de enfermagem, os quais possuem facilidade em acessar vários medicamentos em suas diversas composições, sendo eles comprimidos, xaropes, cápsulas, incluindo medicamentos injetáveis, e devido ao conhecimento sobre fármacos e seus efeitos. O objetivo desta revisão bibliográfica é evidenciar o índice de automedicação entre os profissionais de enfermagem e suas principais consequências, com foco em identificar os fatores influenciadores dessa prática, enfatizar os riscos e consequências da automedicação e identificar o papel do enfermeiro como gestor de equipe, no controle da automedicação. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura, o qual foram utilizadas obras que abrangeram a temática proposta, contemplando o período dos últimos 05 anos de publicações, textos em português e que estivessem completos. O papel do enfermeiro como gestor e líder, em decorrência desses casos, além de se dar como exemplo para seus colegas, não aderindo à prática da automedicação, deve também orientar sua equipe a não adotar esse método, através de educação continuada, rastreamento de medicamentos solicitados para uso no tratamento dos pacientes, verificação de prontuário, minimizando assim a ocorrência de problemas graves que podem comprometer os membros da equipe, instruindo a sempre que necessário que busquem ajuda médica. Ao término, foi possível compreender o que é a automedicação, quais fatores que influenciam direta e indiretamente os profissionais a se automedicarem, os riscos e consequências que essa prática traz para esses indivíduos e o papel do enfermeiro frente à gerência do setor e da equipe para evitar que os colaboradores utilizem prontuários dos pacientes, ou peguem nas farmácias medicamentos sem prescrição, a fim de praticarem a automedicação.

Palavras-chave: Automedicação, Enfermagem, Saúde

Abstract: Self-medication among healthcare professionals is a significant issue, especially among nursing professionals, who have easy access to various medications in different forms, such as tablets, syrups, capsules, and injectables, along with their knowledge of drugs and their effects. The nurse's role as a manager and leader, in such cases, involves setting an example by refraining from self-medication and guiding their team to avoid this practice. This can be achieved through continuous education, monitoring the medications requested for patient treatment, verifying medical records, and minimizing the occurrence of serious problems that could compromise team members. Nurses should also instruct their colleagues to seek medical assistance whenever necessary.

The aim of this literature review is to highlight the prevalence of self-medication among nursing professionals and its main consequences, focusing on identifying the factors influencing this practice, emphasizing its risks and consequences, and understanding the nurse's role as a team manager in controlling self-medication. The methodology used was a literature review, selecting works published within the last five years, in Portuguese, with complete texts addressing the proposed topic. At the conclusion, it was possible to understand what self-medication is, the direct and indirect factors influencing professionals to self-medicate, the risks and consequences this practice brings to these individuals, and the role of the nurse in managing the sector and team to prevent employees from using patient records or withdrawing medications from pharmacies without prescriptions to engage in self-medication.

Keywords: Self-Medication, Nursing, Health

Introdução

A automedicação é entendida como o uso de medicações sem prescrição médica para tratar sintomas ou condições de saúde. Essa prática, comum entre profissionais de saúde, especialmente na enfermagem, está associada ao fácil acesso aos fármacos e ao conhecimento técnico.¹ No entanto, a automedicação pode acarretar riscos, como o uso inadequado de medicamentos e o agravamento de sintomas, o que torna essencial a conscientização sobre os perigos dessa conduta.²

A automedicação entre os profissionais de enfermagem tem se tornado uma prática cada vez mais comum, influenciada principalmente pelo conhecimento técnico adquirido durante a formação e a experiência profissional. Esse conhecimento facilita o uso de medicamentos sem a necessidade de prescrição médica, sobretudo de fármacos analgésicos e anti-inflamatórios, como apontam diversas pesquisas, destacam que o esgotamento físico e emocional, resultado das extensas jornadas de trabalho e horas dedicadas aos estudos, está diretamente relacionado ao uso frequente de medicamentos para aliviar sintomas como dor e ansiedade, agravados pela pressão e o estresse enfrentados no ambiente hospitalar.¹

Estudos indicam que entre 58% e 89% dos profissionais da área da saúde já praticaram automedicação ao menos uma vez ao longo de suas carreiras. Essa alta prevalência é atribuída à facilidade de acesso a medicamentos, ao conhecimento técnico sobre farmacologia e ao ambiente de trabalho estressante.³

Segundo pesquisa realizada por Lima et al. (2020), cerca de 70% dos enfermeiros em um hospital de grande porte admitiram o uso de medicamentos sem prescrição médica, sendo os analgésicos e anti-inflamatórios os mais utilizados.⁴ Esses dados reforçam a necessidade de medidas educacionais e políticas institucionais que promovam o uso racional de medicamentos e previnam a automedicação no ambiente de trabalho.³

A sobrecarga de trabalho, caracterizada pela rotina intensa e múltiplas responsabilidades, é um dos principais fatores que levam os profissionais de enfermagem à automedicação. Muitas vezes, a falta de tempo para procurar ajuda médica adequada leva esses profissionais a buscarem alívio rápido através do uso de medicamentos psicoativos, que são frequentemente utilizados para combater o estresse e a fadiga emocional.⁵ Além disso, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) adverte que o uso de medicamentos deve ser restrito ao tratamento de patologias específicas e sob supervisão médica, uma orientação muitas vezes negligenciada por esses profissionais.⁶

Outro fator que contribui significativamente para a automedicação entre os profissionais da saúde é o fácil acesso a medicamentos. Profissionais que trabalham em ambientes hospitalares possuem acesso facilitado a uma ampla variedade de fármacos, o que agrava ainda mais a questão da automedicação.²

Estudos recentes revelam que essa facilidade de acesso, aliada ao conhecimento técnico sobre farmacologia, leva muitos a evitarem a consulta médica, preferindo se automedicar para lidar com situações de estresse agudo ou dores recorrentes, como enxaqueca e cefaleia.⁷

Para combater os efeitos negativos da automedicação, é fundamental que as instituições de saúde adotem medidas de fiscalização e implementem ações preventivas. Políticas públicas que restrinjam a venda de medicamentos sem prescrição médica, além disso, é essencial que os enfermeiros responsáveis e as equipes de gestão juntamente com atividades educativas, promovam o bem-estar dos profissionais, considerando tanto os aspectos físicos quanto emocionais, para criar um ambiente de trabalho mais saudável e seguro.⁶

Levando em consideração o alto índice de automedicação entre os profissionais de enfermagem, este trabalho tem como objetivo evidenciar o índice de automedicação entre os profissionais da enfermagem e suas principais consequências, incentivando a autoconsciência entre os profissionais de saúde.

Método

Esta pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, realizada através de artigos, utilizando-se publicações nas bases SciELO, Google acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde, e revistas de saúde, sites do governo federal e estadual como o Ministério da Saúde, para construção do estudo, abordará uma análise dos materiais com revisão e interpretação de dados a fim de fornecer um feedback das atualizações diante do tema abordado.

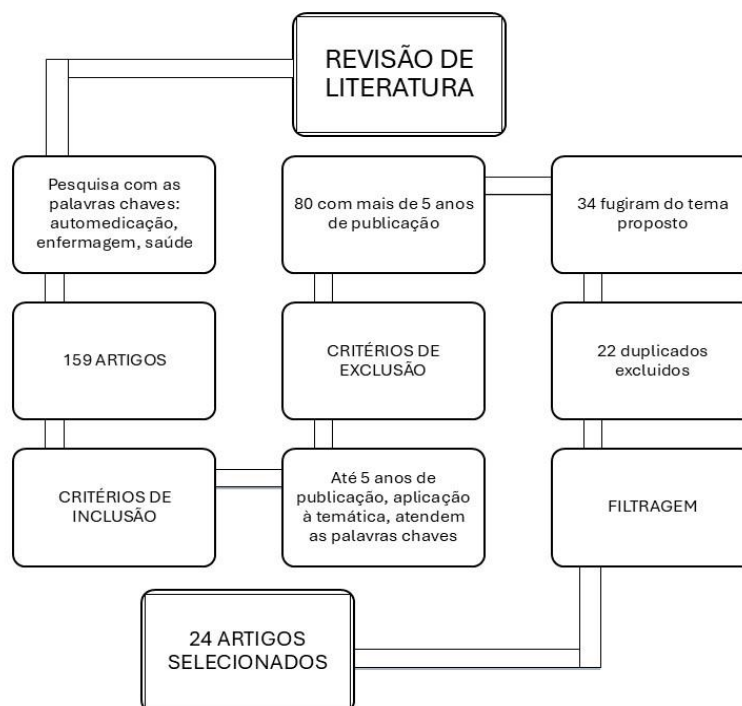
Para a seleção dos artigos, serão utilizadas como descritores: automedicação, enfermagem, saúde, medicação, onde foram encontrados no total 159 artigos.

Para seleção dos artigos, será aplicado como critérios de inclusão: Artigos com 05 anos de publicação, que se enquadram na temática proposta e que atenderam as palavras chaves: automedicação, enfermagem, saúde, medicação.

Como critérios de exclusão, utilizou-se artigos com mais de 05 anos de publicação, que fujam da temática proposta, que não atendam as palavras chaves e que sejam duplicados.

Após a filtragem pelos critérios propostos, o estudo foi baseado na revisão de 24 artigos.

FLUXOGRAMA DO METODO



Revisão de literatura

1. Automedicação em Serviços de Saúde

A automedicação é a prática de administrar medicamentos sem orientação ou instruções de um profissional de saúde e geralmente ocorre em diversos ambientes, inclusive em ambientes de assistência à saúde.² Esse comportamento inclui o uso de medicamentos que não estão diretamente envolvidos no tratamento médico e muitas vezes inclui o uso de medicamentos vendidos sem prescrição médica, como analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos. Embora a automedicação possa parecer uma solução rápida para pequenos problemas de saúde, ela acarreta sérios riscos à saúde, como interações medicamentosas perigosas, efeitos colaterais graves e agravamento de condições médicas existentes.⁶

Nos serviços de saúde, a automedicação é comum quando os pacientes recusam a medicação prescrita e os profissionais decidem utilizar o medicamento, muitas vezes sem acompanhamento médico adequado.¹ Também pode ocorrer quando medicamentos de longo prazo são usados de forma

inadequada, sem supervisão médica. Um dos principais riscos desta prática em ambientes de saúde é o abuso de drogas, que pode mascarar sintomas de doenças graves e atrasar o diagnóstico correto e o tratamento adequado.⁷

Além dos riscos para a saúde, a desatenção na prestação de cuidados de saúde pode aumentar problemas potencialmente evitáveis, tais como reações adversas a medicamentos e intoxicações.⁶ Essa prática pode resultar no uso inadequado de recursos médicos, inclusive na necessidade de internação hospitalar devido a efeitos adversos que poderiam ser evitados com supervisão profissional adequada. Outro ponto importante é que a resistência bacteriana está aumentando devido ao uso indevido de antibióticos sem a devida orientação, o que é um problema de saúde pública.⁷

Os fatores que contribuem para a automedicação nos serviços de saúde incluem o fácil acesso aos medicamentos nas farmácias, a falta de controle sobre a distribuição dos medicamentos vendidos e suposições incorretas sobre certos medicamentos porque não são conhecidos ou comuns. É seguro para uso contínuo após dispensação e não é necessário aconselhamento médico.⁷ A falta de educação dos profissionais sobre os perigos associados à automedicação desempenha um papel importante no aumento desta prática, especialmente em países onde o acesso aos cuidados de saúde pode ser limitado ou os medicamentos não estão sujeitos a muitas restrições.⁸

Campanhas de conscientização e políticas públicas tentam combater a dependência de drogas regulando rigorosamente a venda de drogas e promovendo a importância da consulta médica regular antes de tomar medicamentos. Os programas de educação sanitária a nível comunitário e nos próprios serviços de saúde podem ajudar a reduzir a incidência da automedicação. Isto inclui ensinar os profissionais de saúde a gerir e gerir potenciais pacientes e fornecer estratégias seguras e eficazes de gestão dos sintomas.²

A automedicação nos serviços de saúde é um comportamento que apresenta riscos significativos à saúde individual e coletiva. Embora os medicamentos estejam prontamente disponíveis, os funcionários devem sempre ser aconselhados a consultar um profissional de saúde antes de usar qualquer medicamento, seja de venda livre ou prescrito.⁶ A luta contra a toxicodependência depende de uma combinação de supervisão adequada, educação dos funcionários e intervenção precoce por parte dos serviços de saúde para garantir um consumo seguro e eficaz de drogas.⁸

2. Fatores que influenciam na prática de automedicação entre os profissionais de enfermagem

A prática da medicação é realizada desde o princípio da civilização, onde os povos ancestrais utilizavam ervas de forma experimental para a melhora de doenças como ferimentos, gripes, dores etc. Com o decorrer dos anos, apesar da evolução científica da farmacologia e fitoterapia, a prática de automedicação permanece.⁹

Os estudos realizados ligados a automedicação, apontam que o conhecimento está associado a formação acadêmica, isso é, quanto maior o grau de conhecimento, maior será o ato de se automedicar, devido ao conhecimento das drogas e sua farmacologia.¹⁰ A prática está ligada à manifestação de sinais e sintomas amenos e de aspecto agudo como dor e febre. Enfermidades caracterizadas como crônicas, que necessitam de acompanhamento com médicos e especialistas, contribuem para o uso de medicamentos prescritos.¹¹

Uma pesquisa realizada em Belém/PA, descreve que a automedicação entre os profissionais de enfermagem possui maior índice entre os homens (88%) enquanto o resultado feminino obtido é de (50%).¹² No entanto, outras pesquisas indicam que o percentual dessa prática em relação ao sexo feminino é superior, por conta de o campo de saúde possuir ampla feminização, ao valor de 1,35 entre enfermeiras (0,75%) e técnicas de enfermagem (60%).¹³

De acordo com a revisão integrativa realizada por alunos da faculdade UNIFTC, direcionados a reconhecer os fatores que levam a facilidade do contato dos profissionais com os fármacos, evidenciou que eles praticam a automedicação por meio de sobras de fármacos de pacientes, em que não houve devolução para a farmácia hospitalar.¹⁴

Uma das motivações para o uso indiscriminado de medicamentos sem prescrição médica está presente na falta de serviço de atenção à saúde do servidor em unidades de trabalho, ou seja, não há uma atenção voltada para os profissionais atuantes nas instituições que auxiliem no tratamento de suas doenças, essas que muitas vezes são causadas pelo próprio ambiente de trabalho.¹⁴ No dia a dia, os profissionais são alvo de estresses, jornada de trabalho extensa, sobrecarga na jornada de trabalho, equipe incompleta etc., o que leva a classificação desses indivíduos como grupo de risco.¹⁵

Diversos fatores corroboram para o estresse ocupacional dos profissionais da saúde, principalmente na escala noturna, gerando sobrecarga quantitativa e qualitativa de trabalho, a ausência de manejo das atividades, a remuneração inadequada, a demasiada responsabilidade, a rotina de trabalho, falta de segurança e a insegurança na estabilidade em se manter empregado.¹⁴

Considerando os fatores, a prática da automedicação entre os trabalhadores da área da enfermagem, podem ter como motivação as más condições trabalhistas,

levando à fadiga, à condição de usar medicações e, por conseguinte, levando a automedicação.¹⁴

Profissionais de enfermagem que atuam em campo hospitalar, estão mais sujeitos a apresentar determinadas doenças, pois encontram-se expostos a riscos biológicos, ergonômicos e psicossociais. Apresentando conhecimento fácil a medicamentos, esses indivíduos apresentam destaque no que se alega sobre a prática de automedicação, em decorrência da disponibilidade de medicamentos, do entendimento dos sintomas e da composição das drogas.¹²

Um estudo realizado durante a pandemia a COVID-19, sugere que a prática da automedicação demonstrou que 50,6% (290) indivíduos ingeriram medicamentos sem prescrição. Entretanto, um estudo transversal apontou que profissionais que se automedicaram fora da circunstância pandêmica foi de 73,4% (248) que se caracteriza como superior a pessoas que nunca realizaram tal prática, o que demonstra ser um resultado que vem crescendo durante os anos.¹⁰

3. Riscos e consequências da prática de automedicação

A automedicação é conhecida como algo introduzido na nossa cultura social, logo, o conhecimento abrangente por parte dos profissionais de enfermagem, garantem a autoconfiança e segurança e praticar tal ato.¹³

As pesquisas evidenciam que grande parte dos profissionais de enfermagem, não só se medicam, como também aumentam a dose do medicamento e combinam dois tipos de drogas ou mais com funções farmacológicas diferentes, esperando o alívio imediato de suas queixas. As reações medicamentosas como dor em região de abdome, sonolência, náusea, e cefaleia foram os sintomas mais apontados durante a pesquisa, e muitos relataram que após essas reações, procuraram atendimento médico.¹⁵

A prática da utilização de medicamentos por conta própria traz para o indivíduo, alívio imediato dos sintomas. Nesse sentido, a busca pela autoterapia medicamentosa dos profissionais de enfermagem principalmente para uso sem prescrição de analgésicos e anti-inflamatórios, ocasiona maior risco de intoxicações, reações alérgicas e interações medicamentosas.¹⁵ Também foram registrados problemas com o uso prolongado de analgésicos, que podem mascarar doenças graves e causar problemas irreversíveis, como ataques cardíacos.¹⁶

A automedicação incorreta associada ao tempo para descobrir o diagnóstico acaba levando ao surgimento de efeitos adversos, o que pode aumentar a gravidade da doença e fazer com que o indivíduo necessite de uma medicação de maior intensidade para o tratamento.¹⁵ Outro ponto sugere que, a facilidade do acesso contínuo a medicamentos dos profissionais de saúde nas instituições em que trabalham, os tornam predispostos a dependência, visto que o ambiente de trabalho é um fator favorável para esse aspecto.¹⁷

Conforme algumas pesquisas apontam, os medicamentos mais utilizados são classificados em analgésicos (52,05%), em sequência anti-inflamatórios (17,81%) e antiácidos (6,85%).¹⁸ Em outro caso, quando questionado sobre a quantidade de medicamentos utilizados sem prescrição médica, obteve-se o valor de 1,41 (com variância de 1 a 8 medicamentos referidos), dos quais 71,9% afirmaram recorrer a apenas um e 28,2% mencionaram que utilizam dois ou mais fármacos durante a última semana. O mesmo estudo demonstra que os medicamentos com maior percentual foram para o sistema nervoso (46,7%), seguido de analgésicos (43,4%), aparelho digestivo (15,4%), produtos naturais (10%), anti-inflamatórios e antirreumáticos (7,3%) e por último, as vitaminas (6,2%).¹¹

É importante salientar que a julgar pela quantidade de medicamentos e a frequência do uso de analgésicos e anti-inflamatórios, pode acarretar aos indivíduos consequências como hepatites medicamentosas, permanência dos sintomas, nefropatias, úlceras estomacais, gastrite e até mesmo aumentar o risco de mortalidade.¹⁸ De acordo com um estudo de Oliveira AF, Teixeira ER, alguns casos de reações alérgicas obrigaram ao internamento hospitalar após automedicação, o que é um exemplo claro da falta de conhecimento sobre os efeitos secundários que podem colocar em risco a profissão de enfermagem.¹⁶

Uma pesquisa realizada em Belém/PA, descreve que a automedicação entre os profissionais de enfermagem possui maior índice entre os homens (88%) enquanto o resultado feminino obtido é de (50%).¹² No entanto, outras pesquisas indicam que o percentual feminino é superior, por conta de o campo de saúde possuir ampla feminização, ao valor de 1,35 (entre enfermeiras (0,75%) e técnicas de enfermagem (60%)).¹³

De acordo com as pesquisas, psicotrópicos também são muito utilizados devido à sobrecarga de trabalho e ansiedade carregada pelos profissionais de enfermagem que ocorrem a esse meio através do contato com esses medicamentos, quando a recusa pela parte do paciente em tomar, ao invés de ser feita a devolução do medicamento, o profissional utiliza o mesmo.¹⁴ Segundo Oliveira AF, Teixeira, o uso de psicotrópicos como forma de lidar com o stress, a fadiga e o mal-estar pode ser o início de um processo autodestrutivo, levando até mesmo a dependência química.¹⁵

4. Papel do enfermeiro no controle da automedicação entre os profissionais de enfermagem.

A prática de automedicação é comum na sociedade atual, sendo motivo de preocupação sua frequência entre profissionais da área de saúde, como os enfermeiros. A presença do enfermeiro é fundamental, especialmente na gestão de equipes, para lidar com esse fenômeno. É essencial compreender como os enfermeiros podem desempenhar o papel de gestores, incentivando práticas seguras e responsáveis no que diz respeito ao uso de medicamentos dentro desse cenário.¹⁹

A prática da automedicação consiste em utilizar remédios sem a supervisão de um profissional de saúde, podendo resultar em efeitos colaterais prejudiciais, interações indesejadas e agravamento de doenças. É essencial que os enfermeiros, que estão na primeira linha do atendimento de saúde, estejam atentos a essa questão e adotem uma abordagem crítica e informada no que diz respeito ao uso de remédios.²⁰

Os enfermeiros, na qualidade de líderes de equipes, devem liderar e instruir seus colegas sobre os perigos ligados à automedicação. De acordo com Silva et al. (2020), é necessário que a gestão de equipes de enfermagem promova práticas seguras e desencoraje a automedicação através da implementação de políticas. Isso pode ser feito por meio de capacitações, workshops e campanhas educativas que destacam a relevância do uso responsável de medicamentos.²¹

Adicionalmente, os enfermeiros precisam ter conhecimento das regulamentações e instruções estabelecidas pelos órgãos responsáveis pela saúde. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), enfermeiros têm grande importância na educação em saúde e podem influenciar as práticas de automedicação. Por meio de uma aproximação colaborativa, o enfermeiro pode incentivar um ambiente no qual os profissionais de enfermagem se sintam à vontade para debater suas práticas de medicação e pedir orientações conforme necessário.¹⁹

Outra questão crucial é a criação de um ambiente de trabalho que promova a comunicação franca. É essencial criar locais para debater sobre a utilização de remédios, suas recomendações e restrições.²² Conforme Oliveira e Santos (2019), a comunicação entre os profissionais de enfermagem pode ser útil para detectar auto tratamentos e elaborar medidas para minimizá-los.²³

É crucial supervisionar e avaliar regularmente as práticas de automedicação nas equipes de enfermagem. A adoção de procedimentos que estimulem a conversa e a atualização das drogas administradas pelos enfermeiros pode ser uma tática

eficiente. Pesquisas indicam que a supervisão ativa e o retorno são fundamentais para a alteração de hábitos de saúde.²⁴

A função do enfermeiro como gestor de equipe no monitoramento da automedicação, é complexa e requer uma postura proativa. A importância da formação contínua, a fomentação de um ambiente de trabalho colaborativo e a supervisão apropriada são fundamentais para evitar a automedicação entre profissionais de enfermagem.²¹

Considerações Finais

A automedicação entre os profissionais de enfermagem ainda é um assunto pouco explorado, o que gerou certa dificuldade durante a pesquisa, é notável que essa temática precisa de mais atenção devido sua importância e as consequências que o ato de se automedicar pode acarretar. A atuação do enfermeiro como gestor de equipe é essencial para enfrentar os desafios da automedicação entre profissionais de saúde.

Ao implementar ações educativas, promover um ambiente de diálogo e realizar uma supervisão ativa, os enfermeiros em posições de liderança podem contribuir significativamente para a redução dessa prática, preservando tanto a saúde dos trabalhadores quanto a segurança dos pacientes.

Além disso, o acesso a suporte emocional e psicológico é indispensável para que os profissionais lidem de forma saudável com as demandas e pressões da profissão. A automedicação precisa ser abordada de maneira integrada e contínua, o que requer um esforço coletivo das instituições de saúde para promover o bem-estar dos trabalhadores e garantir a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes.

Desse modo, a criação de estratégias de conscientização com as crianças diabéticas sobre o autocuidado através da utilização de brinquedo terapêuticos é uma ótima alternativa de trazer saúde de uma maneira descontraída.

A criação de grupos por via “WhatsApp” também é uma boa alternativa para incentivar os adolescentes e familiares a trocarem informações, experiências e esclarecer dúvidas com o próprio enfermeiro facilitando a educação em saúde.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Deus em primeiro lugar, que guiou nossas mãos, olhos e ouvidos durante nossa trajetória de aprendizagem. Também agradecemos aos nossos professores que transmitiram seus conhecimentos para nós e nos motivaram em dias que pensamos em desistir, ao nosso Coordenador e orientador que esteve conosco durante o desenvolvimento do

SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de
Empreendedorismo,
Pesquisa e Extensão
Integrado

Apoio



**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

nosso projeto de TCC, que manteve sua paciência e empatia e por fim, agradecemos a nossa família e amigos que sempre estiveram presente nos apoiando durante esses quatro anos, nos ajudando a carregar o peso das preocupações e comemorando a cada ano finalizado até esse momento tão importante. Também agradecemos aqueles que de alguma forma fizeram parte dessa jornada tão importante para nós. Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

1. COSTA, Camila Vitória Queiroz da; MAIA, Larissa Barreto; SILVA, Adricia Maciel; LOPES, Amanda Amorim Sales; LIMA, Liene Ribeiro de. **“Automedicação pelos profissionais de enfermagem: uma revisão de literatura.”** XII Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem. Acesso em: 29 ago. 2024.
2. ANDRÉ, Ismael Soares et al. **“Uso excessivo da automedicação entre profissionais de enfermagem.”** Congresso Internacional de Produção Científica em Enfermagem (CIPCEn-2022), [local de realização], 2022.. Acesso em: 29 ago. 2024.
3. SOUZA, A. C.; OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, F. A. Automedicação e suas implicações éticas entre profissionais de saúde. Cadernos de Saúde Pública, v. 35, n. 1, p. 11-17, 2019.
4. LIMA, R. S.; ALMEIDA, P. F.; SILVA, J. C. Automedicação entre enfermeiros em hospitais públicos: uma análise quantitativa. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 2, p. 201-208, 2020.
5. ARRAIS, Paulo Sérgio D. et al. **“Perfil da automedicação no Brasil.”** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 71-77, fev. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp>. Acesso em: 30 out. 2024.
6. CASTRO, Helena C. et al. **“Automedicação: entendemos o risco?”** Infarma, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9/10, p. 71-78, 2006. Acesso em: 30 out. 2024.
7. MOURA, Elionara Félix de. **“Automedicação: os riscos que essa prática causa à saúde e a importância do farmacêutico na atenção farmacêutica.”** 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Farmácia) – Faculdade de Farmácia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Acesso em: 30 out. 2024
8. ALMEIDA, Alaide Costa; SILVA, Emilly Oliveira; TOLENTINO, Joyce de Souza; LOPES, Bruno Vaz. **“Automedicação em profissionais da saúde.”** 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade MULTIVIX, Nova Venécia, 2022.
9. SILVA, Alexandre do Nascimento; CRUZ, Cleciana Alves; BEZERRA, André Luiz Dantas; SOUSA, Milena Nunes Alves de. **“Automedicação: o descuido de si entre os profissionais do serviço móvel de urgência e emergência.”** C&D-Revista Eletrônica da Fainor, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 125-140, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318457237>. Acesso em: 6 set. 2024.
10. LUCA, Marília Mendes de; VENTURI, Maria Theresa Iorio; CARVALHO, Beatriz Cortez de; VITORINO, Luciano Magalhães; CORTEZ, Paulo José Oliveira. **“Automedicação entre profissionais da saúde durante a**

- pandemia da COVID-19.”** *Research, Society and Development*, v. 12, n. 4, e1212440764, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.40764>.
11. BARROS, Aline Reis Rocha; GRIEP, Rosane Harter; ROTENBERG, Lúcia. **“Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos.”** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 17, n. 6, nov./dez. 2009. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlae>. Acesso em: 30 ago. 2024.
 12. CAVALCANTE, Ana Alice Oliveira Guimarães et al. **“Automedicação entre os profissionais de saúde e o papel do farmacêutico.”** *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Ano 6, v. 6, n. 13, p. 255, jul./dez. 2023.
 13. MACHADO, Jackcelly; SILVA, Claudinei Mesquita da; PEDER, Leyde Daiane de. **“Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem.”** *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*, v. 7, n. 13, p. 10-15, 2020.
 14. OLIVEIRA, Elizia Mara Alves; SILVA, Raissa Campos; SOARES, Karolainy Campos; CHAVES, Renato Novaes. **“A automedicação em profissionais da saúde: uma revisão integrativa.”** Acesso em: 30 ago 2024.,
 15. CARDOSO, Lânia da Silva; SILVA, Adriana Maria Costa da; MAGALHÃES, Nilton Andrade; PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues dos Santos; BALDOINO, Luciana Stanford; AMORIM, Layane Valeria; FEITOSA, Gaubeline Teixeira; IBIAPINA, Fernando Melo; SILVA, Érica Natasha Duarte; SOUSA NETO, Benedito Pereira de. **“Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde.”** *Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health*, v. 1, p. 1-10, 2020. Acesso em: 18 set. 2024.
 16. OLIVEIRA, Alessandro Fábio; TEIXEIRA, Enéas Rangel. **“Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica.”** *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 100-106, jan./fev. 2016. DOI: 10.5205/reuol.8423-73529-1-RV1001201604. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reuol>. Acesso em: 30 out. 2024.
 17. BELÉM, Maria Salabá Pereira et al. **“Prática da automedicação entre profissionais de enfermagem de um serviço de pronto atendimento.”** *Estudos e Escrita Científica Multidisciplinar em Ciências da Saúde*, 2020, p. 40-54. DOI: 10.37885/2403416185.
 18. XAVIER, Mateus Silva; CASTRO, Henrique Normandia; SOUZA, Luiz Gustavo David de; OLIVEIRA, Yago Sady Lopes de; TAFURI, Natalia Filardi; AMÂNCIO, Natália de Fátima Gonçalves. **“Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura.”** *Brazilian Journal of Health*

- Review*, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 225-240, jan./feb. 2021. DOI: 10.34117/bjhrv4n1-020.
19. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Cofen). “**Resolução Cofen nº 564/2017.**” 2021. Disponível em: <https://cofen.gov.br>. Acesso em: 15 out. 2024.
 20. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Automedicação: impactos e riscos para a saúde*. Genebra: OMS, 2019. Acesso em: 5 ago. 2024.
 21. SILVA, A. R. et al. “**Gestão da equipe de enfermagem e controle da automedicação: desafios e perspectivas.**” *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 1, p. 21-27, 2020.
 22. WORLD HEALTH ORGANIZATION. “**Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for Use in Self-Medication.**” 2019. Acesso em: 5 ago. 2024
 23. OLIVEIRA, T. S.; SANTOS, J. R. “**Comunicação e prática da automedicação na equipe de enfermagem.**” *Jornal de Enfermagem e Saúde*, v. 7, n. 2, p. 89-95, 2019.
 24. MATOS, C. M. et al. “**A importância da supervisão no controle da automedicação entre profissionais de saúde.**” *Revista de Enfermagem Brasileira*, v. 11, n. 3, p. 245-252, 2018.

Catalogação da Publicação na Fonte: Centro Universitário Integrado.
Biblioteca Central / Divisão de Processamento Técnico.
Bibliotecária: Nádja Honarra Aranha CRB-9/1972

G393a

Gestinari, Isabella Rissato

A automedicação entre os profissionais de enfermagem: uma revisão de literatura / Isabella Rissato Gestinari; Jhenyffer Iara Barros de Oliveira. - Campo Mourão, PR: Centro Universitário Integrado, 2024.

14 fls. : il.

Orientador (a): Prof. Me. Roney Alan Nogueira

Artigo científico (Bacharelado em Enfermagem) - Centro Universitário Integrado: Campo Mourão - PR, 2024.

Referências: fls. 12 - 14.

1. Automedicação. 2. Enfermagem. 3. Saúde. I. Gestinari, Isabella Rissato. II. Oliveira, Jhenyffer Iara Barros de. III. Centro Universitário Integrado. III. Título.

CDD: 616.86